

APRESENTAÇÃO EM LIVRO DIDÁTICO: a voz do tu na voz do Eu como traço responsivo ativo

Agildo Santos Silva de Oliveira (UESC)¹

assoliveira.uesc@gmail.com

Vânia Lúcia Menezes Torga (UESC)²

vtorga@uol.com.br

*“Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito que um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de gritos de galo
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos”
João Cabral de Melo Neto*

Introdução

O artigo desenvolvido apresenta como objetivo geral perceber na voz do Eu a representação responsiva ativa do Tu, ou seja, como o Tu juntamente com o Eu é construtor do texto. Secundariamente, buscamos identificar qual a sua funcionalidade no gênero analisado, bem como a extensão da responsividade para o Eu, além de enxergar o todo discursivo da *Apresentação* como uma heteroglossia. Para se chegar aos objetivos levantados foi necessária uma construção textual que contempla fundamentação teórico-metodológica acerca dos gêneros dos discursos, tais fundamentos foram realizados a partir de Bakhtin (2006; 2010 e s/d). Também buscamos embasamento na relação de alguns conceitos relevantes para entender o processo de construção textual, e nesse ponto frisamos que a nossa perspectiva de entendimento de texto e de sua tessitura foi apoiada em Campos (2007). Esse autor entende que o texto é uma obra do autor juntamente com o leitor. Ancorados nessa visão sobre o texto que, igualmente, analisamos a intersecção voz do Eu e voz do Tu, uma vez que sua relação de ponte é transitável, é também dialético.

Como anunciado no título o nosso corpus trata-se de uma *Apresentação* que compõe um livro didático de língua portuguesa para o Ensino Médio. Na análise de dados trazemos enunciados dessa *Apresentação* que trazem respostas e contemplam os

¹ Mestrando em Letras: Linguagens e Representações, pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. Orientado pela professora Dra. Vânia Torga. Bolsista da Capes.

² Doutora em Linguística, pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, professora adjunta da graduação e do Mestrado em Letras: Linguagens e Representações do DLA/UESC.

nossos objetivos, ou seja, perceber a presença responsiva do Tu na voz do Eu. Em resumo o texto está assim estruturado: uma seção discute as reflexões acerca dos gêneros discursivos, outra traz as características do gênero *Apresentação*, na sequência refletimos a categoria da responsividade, da polifonia para assim chegarmos ao espaço da análise do corpus, por conseguinte, mas não por último, construímos as considerações finais na qual sinalizamos outras respostas possíveis além da nossa.

Um das primeiras considerações a serem feitas dizem respeito ao nosso olhar e nossa concepção de texto. Sempre que estamos diante de um dele esse se mostra para nós como uma unidade. E não por acaso que o contemplamos como um todo. No entanto esse todo é construído por partes, no discurso escrito as unidades do texto são os parágrafos, ao passo que a unidade do parágrafo é o enunciado e a unidade desse último é a palavra. É assim que costumamos enxergar o texto. No entanto em meio a essas tantas unidades há outro aspecto que dá “liga” a tudo isso: são as vozes discursivas. Ora se todo texto é dirigido a alguém ele traz em si, no mínimo duas vozes, uma ecoante do Eu que busca uma resposta em uma (co)ecoante no Tu. Se pensarmos que esse Eu não é adâmico, daremos conta de que em sua voz ecoam outras anteriores, do mesmo modo estamos sempre diante de um Tu que também não é adâmico, o que nos possibilita entender que traz consigo outras vozes. Resultado: todo texto é construído por várias vozes responsivas ativas, pois os nossos enunciados são sempre respostas a outros anteriores ao nosso.

Entendemos aqui que o texto, a partir de Campos (2007), é o resultado de uma construção. Essa edificação se dá por dois atores do discurso, o Eu e o Tu, que trazem consigo seus exércitos de vozes discursivas. Ambos agem sobre a construção do texto para que interajam entre si, o que faz do texto um mediador do Eu e do Tu, ou como quer a metáfora bakhtiniana, é a ponte entre eles.

É a partir desse entendimento que buscaremos desenvolver a análise do texto de *Apresentação* de um livro didático. Tomando como ponto de partida os estudos de Bakhtin sobre a dialética Eu e Tu, bem como de Campos sobre o texto como construção compartilhada.

1 As faces dos gêneros do discurso

É em *Os gêneros do discurso* que Bakhtin (2010, p. 261) apresenta a relação recíproca da língua com a sociedade quando diz: “todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua”. Seguindo esse entendimento nos damos conta de que as nossas atividades nos mais variados papéis sociais circunscritos historicamente são atravessadas pela língua, do mesmo modo que tais atividades são variadas, as maneiras como utilizamos a língua também o serão, e é nesse sentido que trazemos, mais uma vez, a voz de Bakhtin (2010, p. 261)

Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua. A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana

Ou seja, a variedade dos modos de utilização da língua dá-se pelo caráter variado da própria diversidade das atividades humanas. Percebamos como utilizações e efetuações estão ligadas ao social, quer dizer, são as atividades sociais que pedem diferentes formas de utilização da língua. Todos esses usos efetuam-se em formas de enunciados (escritos ou orais). Isso nos faz compreender que essas atividades só se concretizam através das formas típicas de enunciados. Por fim essa concretização provém dos integrantes das atividades das esferas humanas, ou seja, locutor e interlocutor.

Para esse filósofo da linguagem, a língua é apresentada para nós sempre através de enunciados concretos e únicos. Numa “equação” linguística teremos os seguintes componentes: a enunciação se dá via gêneros do discurso que é composto de enunciado que por sua vez é materializado por palavra que é entendida pelo pensamento bakhtiniano como o signo ideológico por excelência. Além disso, não podemos esquecer outra categoria importante nesse processo os sujeitos que compõem a sociedade e concretizam a língua em forma de tipos relativamente estáveis.

Todos esses elementos que arranjam o discurso tem seu lugar na sua composição. E do mesmo modo todos atravessam e se cruzam formando um todo enunciativo relativamente estável e heteroglóssico. Isso porque o todo harmônico de uma enunciação é lugar de tensão, de conflito. Agora, podemos refletir que esse conflito é trazido pelos sujeitos que atualizam o discurso, pois esses sujeitos enquanto representações sociais trazem as vozes discursivas de um processo histórico.

O enunciado enquanto tal tem sua identidade. Primeiro tem um começo absoluto e igualmente um fim absoluto; segundo, é construído por alguém e dirigido ao outro; terceiro, uma finalidade discursiva e quarto é a ponte entre o eu e o outro e, principalmente, é responsivo, bem como heterogêneo. Então todo estudo que tem como objeto o enunciado tem que levar essa identidade em consideração, todas essas características do enunciado falam sobre si.

Das características levantadas duas se destacam aqui ‘o enunciado é de alguém dirigido para um outro’, todas as vezes que construímos um enunciado temos um outro potencialmente imaginado e destinado a receber esse enunciado. Destacamos também uma imagem interessante ‘o enunciado é a ponte entre o eu e o outro’, bem se é ponte é transitável, é ida e volta, comportada por duas extremidades o eu e o outro. É nesse sentido que propusemos analisar a ida e a volta do eu ao tu e do tu ao eu.

2 Apresentação em livros didáticos: um gênero discursivamente heteroglóssico

Em Bakhtin (2010) temos o suporte para afirmar sobre o caráter heterogêneo dos enunciados e de seus modos de realização, bem como a impossibilidade da comunicação humana real sem os gêneros. Isso quer dizer que só há comunicação porque há gênero.

Com relação ao livro didático, podemos dizer que esse é constituído de vários gêneros discursivos e um dos primeiros é a *Apresentação*. Como todo o gênero ela responde à tríade bakhtiniana: tema, estilo e composição. É nessa arena discursiva que se dão as primeiras construções dos agentes do discurso, o Eu e o Tu. E é nesse mesmo

palco que se evidenciam a simetria e/ou assimetria dessas vozes, ou como também quer Campos (2005) aludindo a Eco (1984), é aqui que se instalam os exércitos dos autores do livro didático e dos alunos de escolas públicas do Ensino Médio. Para que essas relações discursivas sejam encadeadas é necessário que haja uma espécie de colabor(a)ção de ambos os lados da ponte, ou seja, do Eu e do Tu, que entre si tecem o texto, que não por acaso, significa tecido.

Ensinou-nos Bakhtin que o enunciado (2010, p. 275) “é uma moeda de duas faces, ela se caracteriza tanto pelo fato de que é dito por alguém e dirigido ao outro”. Todo e qualquer enunciado têm essa característica, quando temos um texto que não se sabe quem o disse e para quem é dirigido, ou com similar situação não sabemos quem são os seus construtores, estamos diante de uma frase, ou em solo de ninguém. Isso porque o que temos de real e concreto, ainda segundo o pensador russo, é o enunciado produto da ação de sujeitos, Eu e Tu, a outra possibilidade permanecerá como nasceu uma invenção.

Como nosso objetivo aqui é entender que o texto de *Apresentação* do livro didático de língua portuguesa aprovado no PNLEM 2012 – 2015 (Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio) é construído pelos autores e pelos alunos, então analisaremos como esses estudantes estão presentes nessas construções textuais mesmo antes de serem os leitores físicos dessas *Apresentações*. Em suma, procuraremos demonstrar que os autores das *Apresentações* constroem o texto a partir das imagens que eles criam dos alunos, pois os textos serão a eles dirigidos, o que desde já confirma que esse texto é a ponte entre interlocutores, é também a arena de conflito, pois teremos aí a instalação dos exércitos discursivos de ambos e, sobretudo, é dialético, pois ao construírem o texto eles se constroem.

2.1 Da responsividade

Outro caráter de todo e qualquer enunciado é que ele é responsivo. Todo texto é uma resposta a outros textos anteriores ao mostrado, ao construído, por isso Bakhtin (2006, p. 126) entende que o nosso texto nunca é original, pois foi dito outras vezes por outras pessoas. Deste modo diz

Assim, o discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio.

Mas apesar de não ser original é origem, o que nos permite afirmar que todos os textos que construímos originam-se em nós. Por essa razão que também é singular, pois jamais existirá outro Eu no mesmo tempo e espaço que ocupo, logo assumimos nossa responsabilidade ao construir o que construímos junto com o outro. Por fim, o texto ao originar-se em nós traz consigo o caráter da resposta a uma pergunta de textos anteriores, por isso responsivo.

A *Apresentação* do livro didático combina todas essas peculiaridades. O autor ao apresentar seu produto instala a sua responsividade, primeiro por assumir frente ao outro que acredita no que escreveu, segundo porque acredita que contribuirá na formação desse aluno, ou seja, responde à necessidade de conhecimento desse aluno e ela foi e é dita várias vezes no discurso cotidiano. Portanto seu texto é, antes de mais

nada, resposta ao discurso “político” da cidadania, para praticá-la os alunos em formação precisam cada vez mais de conhecimento formal para agir sobre seu mundo. Mas não se trata de qualquer resposta e, sim, ativa e assumidamente responsável, em outros termos é responsabilidade.

2.2 Da heteroglossia dialeticamente marcada

Outra combinação pertinente e que é o nosso objetivo basilar é entender que o Eu traz para seu enunciado a voz do Tu. Essa voz é trazida como recurso de construção textual. Essa tessitura é colaborativa, mas não necessariamente simétrica, pois é a partir da imagem que o autor (Eu) do livro tem do aluno (Tu) que ele constrói a *Apresentação*. Ora o que acontece é o seguinte: quando o Eu cria a imagem do Tu esse Tu diz o que pode ou não ser dito pelo Eu e de igual modo diz o que pode ou não ser ouvido por ele. Também podemos pensar que o Eu é autorizado a falar o que o Tu é, naquele momento, autorizado a ouvir. Entenda-se como autorizado uma questão politicamente marcada. Logo o Tu, nesse sentido, é a bússola da construção discursiva do texto, é sua orientação discursiva. Todas essas reflexões anunciam e remetem para um aspecto bem defendido por Bakhtin (2006), o caráter dialético da linguagem.

Mas ainda não está tudo acabado. Pois quando o texto está escrito, ou seja, praticamente construído, há nele imagens do Tu construídas. Assim se o Tu ajudou a construir o texto, a partir da imagem que o Eu tem de si, e do outro, agora esse mesmo Tu volta para arrematar essa construção a partir do discurso assumido pelo Eu (autor). Essa segunda construção acontece no ato da leitura do texto da *Apresentação*. E é essa heterogeneidade instalada que buscaremos entender a partir de agora.

3 Enunciados da Apresentação: por uma política responsiva de vozes e representações

Os enunciados analisados serão referenciados a partir da linha que se localizam na *Apresentação*, assim, os enunciados serão marcados da seguinte maneira: L1, no qual lê-se linha 1 e assim por diante. Essas referências foram construídas pensando na possível ação de investigação e do Tu no ato da leitura e foi pensando nesse que recorreremos a essa construção de análise. Tal fato já dá indícios da afirmação do nosso objetivo.

3.1 Definição do Tu e sua representação

Nesse item destacamos os enunciados indicadores de que o texto dirige a um Tu específico, além desse mesmo texto ser um mediador entre o Eu e o Tu.

Caro (a) estudante, (L 2)

Esta coleção foi feita especialmente para você. Com ela você perceberá que estudar a língua portuguesa é uma atividade envolvente, dinâmica e prazerosa. (L 3 – 4)

Observem que o Tu potencial é o estudante e não outros sujeitos circundantes do espaço educacional. É a partir dessa definição e representação de Tu que o Eu constrói seu texto, além disso, o Eu marca, desde já, o caráter responsivo ativo do Tu quando diz

ter sido a coleção feita “*especialmente para você*”. Assim, o texto media uma resposta do Eu para o Tu.

No Ensino Médio, a literatura passa a fazer parte de seu curso mais intensivamente, e você vai conhecer obras dos mais significativos escritores brasileiros e das literaturas de língua portuguesa de forma geral. Certamente vai notar que há inúmeras relações entre essas obras – os sentimentos e a realidade nela expressos, as personagens existentes e as histórias de que participam – e a realidade que você vivência. (L 5 – 9)

Esse Tu não tem muito contato, sistematizado, com a literatura de língua portuguesa. Em suma, esse Tu é um sujeito em construção.

3.1.1 O tu como bússola na tessitura do texto

A partir da análise de textos literários e textos de outra natureza – jornalístico, biográficos, publicitários, etc. –, os estudos de linguagem são propostos de uma forma que procura ser mais agradável e significativa. (L 10 – 12)

Primeiro, você lerá alguns textos, a fim de desenvolver estratégias de leitura, necessárias quando é preciso compreender determinado (s) gênero(s) ou tipo(os) de texto. (L 21 – 22)

Em seguida, estudará as características desses tipos de texto para entender como se organizam, para que servem, em que situações de comunicação costumam ser utilizados. (L 23 – 24)

Depois, conhecerá obras literárias que têm relações com os textos estudados. Para ajudar você a compreender essas obras literárias, são apresentadas diversas informações sobre seus autores e o momento literário em que foram escritas. Assim, pouco a pouco, você vai desenvolver o prazer de ler esses e (outros) textos literários, temos certeza. (L 25 – 28)

As propostas com a linguagem oral e os estudos de gramática – importante para você aperfeiçoar sua maneira de se comunicar – constituem a quarta etapa desse processo. (L 29 – 30)

Nesses enunciados percebemos como o Tu, já definido anteriormente, surge aqui como condutor da organização espacial do texto do livro didático. Toda sua arquitetura é em consonância com a representação que os autores fazem do Tu. E tais representações trazem não só imagens como ecos que circulam esse Tu e os autores trabalham a partir disso.

Vejamos o que diz Bakhtin (2006, p. 116) “[...] A situação e os participantes mais imediatos determinam a forma e o estilo ocasionais da enunciação” e “As

dimensões e as formas dessa ilha³ [enunciação] são determinadas pela situação da enunciação e por *seu auditório*. A situação e o auditório obrigam o discurso interior a realizar-se em uma expressão exterior definida (BAKHTIN 2006, p. 127). Ou seja, o tu tem uma influência significativa na construção do enunciado.

3.1.2 Da responsabilidade

Assim, você poderá compreender as muitas relações que há entre a linguagem que você utiliza nas situações de comunicação do dia a dia e aquela que deve empregar nas situações mais formais. (L 12 – 14)

Para colaborar na realização dessas conquistas, esta coleção lhe oferece um conjunto de situações comunicativas que servirão de base para você e seus colegas interagirem uns com os outros, por meio da linguagem, relacionando o que já sabem com conhecimentos novos. (L 16 – 18)

As propostas com a linguagem oral e os estudos de gramática – importante para você aperfeiçoar sua maneira de se comunicar – constituem a quarta etapa desse processo. (L 29 – 30)

Para ajudar você e seus colegas a vencer cada etapa desse percurso, vocês poderão contar com a preciosa orientação do (a) professor (a). (L 33 – 34)

Após definir o tu, instalar uma imagem desse e tê-lo como bússola para arquitetar seu texto, agora é a vez dos autores marcarem a resposta que seus textos trazem ao Tu. Ou seja, o texto deles são respostas a uma demanda de formação cultural do aluno. No último fragmento essa responsabilidade é estendida para o professor, assim como os autores eles também trazem respostas.

De igual modo podemos destacar aqui como a política de vozes é instalada nesse item. Aqui podemos perceber os ecos de vozes anteriores e posteriores às vozes dos autores, a primeira é a voz do Tu em formação, em construção necessária do conhecimento; à segunda é voz de um Tu alterado pelo acesso ao conhecimento, ou seja, ao final dos estudos esse Tu já não será mais o mesmo e é preciso que seja assim. Esse sujeito posteriormente alterado parece ser a marca da resposta responsável do Eu, em outros termos é a responsabilidade assina(la)da.

3.1.3 A marcação do ato

Os autores (L 37)

³ A noção de ilha aqui corresponde ao fato de que as nossas enunciações surgem em meio a tantas outras que já foram ditas e outras que virão a ser. Cf. BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*.

Esse último item veio, implicitamente, nos demais. Isso porque toda ação com linguagem é Ato⁴. No entanto a explicitação dessa autoria é marca que circula todo pensamento bakhtiniano sobre a linguagem. Ainda que a ciência contemporânea pareça querer apagar o sujeito, Bakhtin afirma que o sujeito “existe” no Ato. E todas às vezes que pensamos algo e assumimos esse pensamento, assumimos responsabilmente com nossa assinatura, ou como quer o pensador russo o fazemos como “firma reconhecida” e nada mais explícito que essa assinatura dos autores, ainda que, conscientemente, não saibam.

4 Considerações finais: onde a metáfora da ilha se concretiza mais uma vez

O caminho percorrido possibilitou-nos a chegar a conclusões possivelmente provisórias acerca do nosso objetivo, ou seja, entender que o Tu constrói o texto com o Eu antes mesmo do ato da leitura. O Tu parece ser um componente decisivo na forma do enunciado do Eu.

Considerando essa visão teremos ainda que destacar que a polifonia se faz presente na Apresentação, *corpus* desse artigo, na medida em que o Tu e o Eu instalam seus exércitos de vozes. Há que considerarmos, de igual modo, que o Eu traz a voz do Tu quando é a partir dele (ainda que uma imagem sua, ou uma representação, nesse caso o aluno de escola pública) que busca uma dimensão do seu dizer. Traduzindo, o Eu diz para Tu o que a leitura de sua imagem permitiu o que e como dizer.

Chegar a esse ponto do texto não é assumir que não haja nada mais o que dizer. Isso é impossível, pois o nosso texto, composto de enunciados, surgem em meios a tantos outros antecedentes e sucessores. Estar aqui é assumir a responsabilidade desse Ato, de assumir que pensamos assim frente a tantos Tu que nos acompanharam na construção do texto e nos acompanharão nas suas inúmeras leituras.

Dessa maneira, sabemos que abrimos passagens para que o Outro também diga o não dito e que Outros leiam o que não foi lido. Portanto há sempre espaço para a responsividade.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 12ª Ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

⁴ Essa ideia de Ato como ação ética de linguagem acompanha Bakhtin em todas as suas reflexões sobre Linguagem, pois para ele linguagem é Ação é Ato responsável. Todas as vezes que o sujeito age, ele é responsável pelo seu Ato. Cf. BAKHTIN, M. Para uma filosofia do Ato.

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do Ato*. Trad. Carlos Alberto Faraco; Cristóvão Tezza. Pdf

CAMPOS, E. N. A dimensão dialógica da linguagem. *Vertentes* (São João Del-Rei)

FARACO, Carlos E.; MOURA, Francisco M. de; MAURUXO Jr., José H. *Língua Portuguesa: Linguagem e interação, Volume único*. São Paulo: Ática, 2010.